O processo inverso do método científico



Dos pontos acumulados na correria do quotidiano, fui reduzindo de um cada movimento ou pensamento sem sentido, do que antes era uma grande soma de afazeres para cumprir ao longo do dia.

Um ou outro destes movimentos identifiquei como pseudonecessidade de origem externa, aquilo geralmente denominado de pressão social, o comportamento de manada, para resgatar-nos de uma dolorosa e incandescente existência única, singular; para macia e morna zona de conforto, para aquela normalidade, quando de normal, nada há; posto que a média é a soma de cada elemento dividido pelo número de todos, ela é medíocre, sempre será, onde no bolo do cardume o peixe se dissolve, vira nada, esconde-se, ele se desfaz, deixa de ser peixe para ser o cardume.

E assim, dos pontos acumulados, menos um, ou um outro, fui reduzindo cada movimento ou pensamento. Meu propósito era espécie de método científico às avessas, ao invés de fatiar o todo em partes, dissecar e compreender cada uma delas, para depois costurar e juntar de novo em vida, método Frankestein; o que julguei ser potencialmente danoso para ela, a vida, quiçá um exercício de morte; esta outra abordagem de remover as camadas de pele morta me pareceu atraente, mal sabia que havia vida, em maior ou menor grau, ainda que nestas camadas de fora, nas cascas da cebola, ainda vive a cebola, não a essência da cebola, mas a cebola periférica, que pode fazer chorar, as lágrimas correrem pela face.

Bom ou ruim do caminho escolhido sempre é possível aprender; um aprendizado periférico quanto à natureza da verdade contada novecentas e noventa e nove vezes, mil, no fim das contas, não é a verdade, mas o constructo coletivo, uma alucinação coletiva, falácia; cega, inaudível, insossa ao paladar, contendo gorduras saturadas onde é afirmado que não, novecentas e noventa e nove, mil

vezes, imperceptível ao tato, peido virtual de um rato, sem cheiro, ia, que bosta, nada existe lá senão ratos como nós, correndo não sobre, mas sob esteiras fechadas em círculo, para só depois entender, ratos em gaiolas de rato, o experimento mais antigo da psicologia, e se esse ou aquele rato não gosta de cenoura, pode ser coelho, se é que você me entende, é um pouco sobre, ou sob, correr demais para nada, seja pensamento ou movimento, subtraí de um.

Cada menos um acumulado no somatório do computo de todos os pontos pelos pensamentos e movimentos realizados no quotidiano pesa negativamente, como se de alguma forma reduzisse de toda nossa energia vital, mesmo que a gente ache que não, foi uma conclusão preliminar; talvez seja melhor sangrar, vazar em lágrimas a vida toda para um aprendizado impresso na essência, naquilo que é real, com todas as forças; talvez não, afinal, se fugir da questão central é lugar comum e abunda, nestes disfarces da circumambulation, mas o fato é que fui adiante com as operações de subtração, porque a exaustão do planeta lentamente pareceu-me enfadonha demais, um remover disfarçado de acréscimo de suposta qualidade de vida, qual a qualidade de vida valorosa elevada a todo um tempo de sacrifício por um triste Ronald McDonald, ainda que calórica demais para descrever em parcas linhas, preferi calar-me, aceitar o sustento diminuto, e engolir com um gole de coke, este veneno que servem em refis potencialmente infinitos aos americanos, não à toa, são estes cidadãos de peso, se é que não me perco em raciocínios espúrios.

Sim, e não doutra forma, fui aproximando daquilo que achei precioso, dentro, único, singular, subjetivo; forjado por eras, pressões e temperaturas extremas, desejei ser louco ante a entender o resultado da alquimia como vida, todas formas de vida, as quais removi periféricas junto às cascas; ao percorrer este processo, o inverso do método científico, sempre foi, sempre esteve imanente, antes do progresso, cujo resultado cristalino, a natureza, singularidade de si mesma, é pergunta que ninguém faz por medo de descobrir evidente, clara, transparente, tão óbvia quanto pungente, a resposta que está na pergunta, no fim das contas, impossível reduzir da natureza a vida, sem reduzir vida da gente.

Jorge Xerxes, 15 de outubro de 2025